

O CAMPO TEÓRICO- METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

Atena
Editora
Ano 2021



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

**NO FOMENTO DA
QUESTÃO POLÍTICA
DA ATUALIDADE 2**

O CAMPO TEÓRICO- METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

Atena
Editora
Ano 2021



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

**NO FOMENTO DA
QUESTÃO POLÍTICA
DA ATUALIDADE 2**

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação no fomento da questão política da atualidade 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C198 O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação no fomento da questão política da atualidade 2 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-933-2

DOI 10.22533/at.ed.332212503

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Temos vivenciado, ao longo dos últimos anos, inúmeros ataques a Educação brasileira; investidas que têm ocasionado retrocessos. O contexto pandêmico alimentou essa crise que já existia, escancarando o quanto a Educação no Brasil acaba sendo uma reprodutora de desigualdades. As interferências externas e investidas do mercado tentam, a todo custo, subordinar a Educação e atividade docente a uma lógica neoliberal de produção (TARDIF; LESSARD, 2005). Nesse sentido, precisamos nos mobilizar e a **indignação** e **esperança** configuram-se como duas categorias importantes nesse processo.

Diante desse cenário, como dissemos, de muitos retrocessos, negacionismo e investidas neoliberais, não podemos nos furtar do debate político e social, tão importante nesse momento que vivemos destrato a Educação, sucateamento do trabalho docente e exclusão de estudantes, por exemplo. Como nos alertou Freire (2004, p. 28), para além de ensinar com rigorosidade metódica a sua disciplina, “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Precisamos considerar esses elementos sociais e políticos necessários no movimento de formar cidadãos indignados e esperançosos que desconstruam os discursos fatalistas.

É nessa direção que o volume de “**O Campo Teórico-metodológico-epistemológico da Educação no Fomento da Questão Política da Atualidade**”, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e do (re)pensar o campo educacional, assim como também da prática, da atuação política e do papel social do docente. Este livro reúne um conjunto de textos de autores de diferentes estados e regiões e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, democracia, humanização, gênero, tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, avaliação entre outros. O fazer educacional, que reverbera nas escritas dos capítulos que compõe essa obra, constitui-se enquanto um ato social e político.

Os autores que constroem esse volume são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e no se reconhecerem enquanto sujeitos políticos. Nessa direção, portanto, desejamos a todos uma produtiva, indignante e esperançosa leitura!

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO: UM CAMINHO PARA A REFLEXÃO DO ATUAL CONTEXTO BRASILEIRO

André Randazzo Ortega
Joana D’Arc Germano Hollerbach
Cecília Carmanini de Mello

DOI 10.22533/at.ed.3322125031

CAPÍTULO 2..... 9

AÇÕES AFIRMATIVAS E POLÍTICA DE COTAS NO INGRESSO AO ENSINO SUPERIOR: DO OLHAR TEÓRICO À OPINIÃO PÚBLICA

Amanda da Silva Barata
Bianca Marinho de Souza
Joaquina Ianca dos Santos Miranda
Ariana Souza Carneiro

DOI 10.22533/at.ed.3322125032

CAPÍTULO 3..... 20

POLÍTICAS PÚBLICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E AS COTAS SOCIAIS PARA ACESSO ÀS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO

Francieli Marchesan
Oséias Santos de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3322125033

CAPÍTULO 4..... 37

A SÍNDROME DE BURNOUT COMO EXEMPLO DO ADOECIMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO, NOS ÚLTIMOS ANOS

Maralice Maschio
Mariza Weber

DOI 10.22533/at.ed.3322125034

CAPÍTULO 5..... 53

A ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DO DISCURSO SOBRE OS SUJEITOS DA EJA NOS GOVERNOS FHC (1995-2003) E LULA (2003-2011)

Eduardo Jorges Pugliesi

DOI 10.22533/at.ed.3322125035

CAPÍTULO 6..... 66

ITINERÁRIO FORMATIVO INTERDISCIPLINAR: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Jinlova de Oliveira Pantaleão

DOI 10.22533/at.ed.3322125036

CAPÍTULO 7..... 74

DIRETORES ESCOLARES E O DIREITO À EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES DE POLÍTICAS

EDUCATIVAS NO CONTEXTO DA PRÁTICA

Eveline Andrade Ferreira

Karla Karine Nascimento Fabel Evangelista

Sônia Lerche Vieira

DOI 10.22533/at.ed.3322125037

CAPÍTULO 8..... 79

RECORTE DE UM PROJETO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE REPRODUTIVA REALIZADO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19, EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Beatriz Caroline Conceição do Nascimento

Dayane Cristina Zanqueta Azevedo

Fabiana Schaffer

Simone Acrani

DOI 10.22533/at.ed.3322125038

CAPÍTULO 9..... 88

O ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Wliana Ferreira

José Geraldo Basante

DOI 10.22533/at.ed.3322125039

CAPÍTULO 10..... 94

A NECESSIDADE DE AÇÕES EDUCATIVAS COMPROMISSADAS COM SOLIDEZ DA HUMANIZAÇÃO: A FILOSOFIA, ÉTICA, ARTE E POLÍTICA COMO FUNDAÇÕES DO EDUCANDO

Antonio Carlos Barbosa da Silva

Marina Coimbra Casadei Barbosa da Silva

DOI 10.22533/at.ed.33221250310

CAPÍTULO 11..... 108

MÃOS E IMAGINÁRIOS QUE COSTURAM A HISTÓRIA DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE

Adelmo Teotônio da Silva

Divane Oliveira de Moura Silva

Marcia Pereira Gomes Silva

DOI 10.22533/at.ed.33221250311

CAPÍTULO 12..... 121

ONDE ESTÁ A MEMÓRIA? O AUDIOVISUAL E A CONSTRUÇÃO DOCUMENTAL DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA REGIÃO DE COELHO NETO (MA)

Leide Ana Oliveira Caldas

DOI 10.22533/at.ed.33221250312

CAPÍTULO 13..... 129

O SOROBAN COMO INSTRUMENTO PARA APRENDIZAGEM E INCLUSÃO

Marco Antônio Serra Viegas

André Machado Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.33221250313

CAPÍTULO 14..... 135

O DEFICIENTE VISUAL NA FACULDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE DE CLEVELÂNDIA/PR: USOS E SENTIDOS ATRIBUÍDOS À EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

Kelly dos Santos Siqueira

Maralice Maschio

DOI 10.22533/at.ed.33221250314

CAPÍTULO 15..... 151

ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE EDUCACIONAL DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO MUNICÍPIO DE IPORÁ – GOIÁS

Juliana do Nascimento Farias

Vanderlei Balbino da Costa

DOI 10.22533/at.ed.33221250315

CAPÍTULO 16..... 168

AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS: CORPOREIDADE, LÚDICO E LETRAMENTO NA PRÁTICA DOCENTE DO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Bárbara Regina Gonçalves Vaz

Silvana Maria Aranda

DOI 10.22533/at.ed.33221250316

CAPÍTULO 17..... 177

O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS E A SUA APROPRIAÇÃO FRENTE AO ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO E DO PROFESSOR

Luciana Lacerda de Castro

DOI 10.22533/at.ed.33221250317

CAPÍTULO 18..... 192

A EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS: ALUNAS DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA E SUAS EXPERIÊNCIAS

Cláudio Roberto Brocanelli

DOI 10.22533/at.ed.33221250318

CAPÍTULO 19..... 205

O OLHAR DO EGRESSO SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - CAMPUS QUIRINÓPOLIS, 2003-2008

Joana Corrêa Goulart

Sebastião de Souza Lemes

DOI 10.22533/at.ed.33221250319

CAPÍTULO 20..... 217

IMPLEMENTAÇÃO DE ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO (AEE'S) EM CINCO ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE BENEVIDES-PA

Kelly Lene Lopes Calderaro Euclides

Francilene Sodré da Silva

DOI 10.22533/at.ed.33221250320

CAPÍTULO 21..... 221

UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR SOBRE A RELAÇÃO ENTRE CURRÍCULO E EDUCAÇÃO INTEGRAL DE ACORDO COM A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR NO BRASIL

Gabriela Carradas

Kênia Kemp

DOI 10.22533/at.ed.33221250321

CAPÍTULO 22..... 233

JOGOS DE INTERPRETAÇÃO NA INFÂNCIA: CONSTRUINDO VALOREM

Rebeca Sasso Laureano

DOI 10.22533/at.ed.33221250322

CAPÍTULO 23..... 243

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL EM CURSOS TÉCNICOS: UMA EXPERIÊNCIA NO CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA

Ana Cláudia Carelle

Sami Eduardo José Schinasi

DOI 10.22533/at.ed.33221250323

CAPÍTULO 24..... 248

DISCUSSÃO SOBRE O USO DE JOGOS MODERNOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Vinicius Tivo Soares

DOI 10.22533/at.ed.33221250324

CAPÍTULO 25..... 256

MEDIAÇÃO CULTURAL: REFLEXÕES ACERCA DO MUSEU DE ARTE DE BLUMENAU

João Henrique Leoni

Carla Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.33221250325

SOBRE O ORGANIZADOR..... 269

ÍNDICE REMISSIVO..... 270

CAPÍTULO 4

A SÍNDROME DE BURNOUT COMO EXEMPLO DO ADOECIMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO, NOS ÚLTIMOS ANOS

Data de aceite: 22/03/2021

Maralice Maschio

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente/FAMA
Clevelândia - PR

Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG
Ponta Grossa – PR
<http://lattes.cnpq.br/6501338935906040>

Mariza Weber

Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente/FAMA
Clevelândia – PR

<http://lattes.cnpq.br/3115378503392741>

RESUMO: Este texto é fruto do trabalho de conclusão de curso em Pedagogia, da pedagoga Mariza Weber, defendido em 2020. Nele abordaremos a Síndrome de Burnout, como exemplo de um dos principais casos de adoecimento dos profissionais da área da educação em nosso país. Para isso, dividimos o capítulo em dois momentos: inicialmente, traçamos uma discussão bibliográfica sobre o tema e o profissional acometido pela doença de modo interdisciplinar, envolvendo, especialmente as áreas da pedagogia e da psicologia. Num segundo momento, dialogaremos com a entrevista de uma professora da rede pública municipal, com vinte anos de experiência na área educacional, diagnosticada com a doença, e as diferentes interfaces que envolvem o processo do adoecimento e o quanto Burnout ultrapassa os muros escolares. A pesquisa permitiu estudar

a temática num movimento, principalmente através da fonte oral utilizada, de dentro para fora da escola e de fora para dentro da escola, desvelando a doença, suas faces e, também, as dimensões dos sujeitos que convivem com ela e com o profissional/paciente diagnosticado.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome de Burnout; Profissional da educação; Adoecimento. Tratamento psicológico.

ABSTRACT: This text is the result of the course conclusion work in Pedagogy, by the pedagogue Mariza Weber, defended in 2020. In it we will address the *Burnout Syndrome*, as an example of one of the main cases of illness of the professional of the education area in our country. For this, we divided the chapter into two moments: initially, we outlined a bibliographical discussion on the theme and the professional affected by the disease in an interdisciplinary way, involving, especially the areas of pedagogy and psychology. In a second step, we will dialogue with the interview of a teacher from the municipal public school, with twenty years of experience in the educational area, diagnosed with the disease, and the different interfaces that involve the process of illness and how much *Burnout* goes beyond school walls. The research allowed the study of the theme in a movement, mainly through the oral source used, from inside to outside the school and from outside to inside the school, unveiling the disease, its faces and, also, the dimensions of the subjects who live with it and with the diagnosed professional/patient.

KEYWORDS: *Burnout* syndrome. Education professional. Illness. Psychological treatment.

11 O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO

Saviani (2006, p. 2) afirma que “Trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa”.

Neste contexto, o professor enquanto ser humano e agente trabalhador pode sobrecarregar-se no exercício de suas funções, no envolvimento de adversidades sociais, prescritas pela escola, inclusive. Por outro lado, a educação sempre foi e será uma das maiores bases para o desenvolvimento, das pessoas.

No entanto, as últimas décadas têm oferecido indicativos concretos para pensarmos questões referentes ao adoecimento dos profissionais de Educação. O que vemos, no cenário, são escolas superlotadas e muitos professores insatisfeitos com as condições cotidianas no trabalho, sem contar nos problemas que vêm lhes atingindo de uma maneira que, infelizmente, traz como consequência afastamento das atividades laborais, ocasionadas pelo estresse, por exemplo. Auxiliando na reflexão, o pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Violência, curso de Sociologia da UNB, Wanderley Codo, comenta:

A carga mental tende a aumentar mais ainda. Lembremos que o professor, geralmente, leciona em mais de uma escola, às vezes em turnos diferentes, tem muitos alunos de turmas distintas e disciplinas diversas. Isso faz com que aumente o volume de trabalho e exige que o professor se adapte a cada realidade (de cada sala, cada disciplina, cada escola), o que exige mais dedicação, mais esforço intelectual e [...] de controle sobre a situação, qualidade nas relações interpessoais e investimento afetivo, e aumento da carga mental, o que pode levar o trabalhador à desistência (real e/ou simbólica) de seu trabalho (CODO, 2006, p. 220).

As circunstâncias nas quais muitos educadores trabalham, tais como de intensificação nos ritmos de trabalho, turmas lotadas, problemas pessoais, alunos com problemas familiares, entre outros fatores, afetam em sentidos educacionais, tanto dentro quanto fora da sala de aula. Consequentemente, vários educadores acabam se deparando com a necessidade de ter que contornar situações aparentes para dar seguimento ao ensino; isso os leva a uma sobrecarga emocional, sem contar em inúmeros momentos em que podem predominar sentimentos de impotência, incapacidade, desvalorização profissional, pressionados, assim, para buscar aperfeiçoamento pessoal e laboral, que os tire do ambiente ou melhore suas condições de trabalho e renda.

Segundo Andreia Fonseca L. da Costa Coimbra (2010, p. 56):

O clima da escola pode ser definido como uma série de atributos característicos de uma determinada instituição, que induzem a escola a agir consciente ou inconscientemente de uma determinada maneira de acordo com seus membros e na sociedade da qual está inserida. Tais características dependem das percepções dos indivíduos sobre a realidade da escola e da sociedade global, sendo que [...] a forma dos professores se movimentarem e atuarem

está intimamente ligada aos padrões característicos de relacionamento e na forma de relacionamento entre eles (COIMBRA 2010, p. 56).

As condições precárias enfrentadas pelos educadores nos mostra um cenário de precariedades das instituições públicas e privadas de ensino. Nesse sentido, transtornos de ordem psíquica, psicológica, física e emocional tornam as justificativas e evidências individuais e coletivas, as quais, muitas vezes, não são relevadas, apoiadas e nem amparadas por políticas públicas e direitos humanos, em determinadas Instituições de Ensino.

Acerca desse cenário, a pedagoga e psicóloga, Bernadete Angelina Gatti (1997), já na década de 1990, alertava com um contraponto, sobre as escolhas dos professores pelo magistério. Sob o argumento de que muitos escolhiam a profissão por não ter outra opção de curso sofreram consequências como as de ficarem apreensivos em trabalhar no ensino, inseguros em permanecer na função. Por isso, questionou sobre a construção de imagens como a do educador formador de gerações, extremamente valorizadas em representações coletivas, entre diferentes grupos e movimentos sociais.

Gatti está se referindo às condições que regiram e regem as escolhas às quais várias pessoas são submetidas profissionalmente. Com isso, faz uma explanação sobre a remuneração dos profissionais em Educação como uma das consequências associada a fatores de baixa autoestima e competições no espaço de trabalho, consequentemente, interferindo nas condições básicas de suas próprias atuações.

Contudo, tal discussão já se fazia presente na literatura sobre o tema desde a década de 1960. Nessa época, Luís Pereira (1969) já fazia observações sobre o assunto, argumentando questões como falta de motivação e insatisfação, como geradores de problemas graves, encontrados no exercício do magistério. Outra preocupação se dava, naquela conjuntura, pelos egressos de outros cursos, que buscavam o campo dos estudos em mais de uma área do conhecimento. Naquela época, a profissão de professor, por exemplo, ocupava casas importantes entre as escolhas profissionais, juntamente a outras profissões como as de advogados.

No que diz respeito à escolha pela profissão de professor parece que, historicamente, foi a área que mais ofereceu oportunidade às mulheres, até mesmo no sentido de qualificação profissional. Afinal, estamos nos referindo a um recorte, que envolve mais de quatro décadas de debate. Maria Helena Guimarães de Castro (2005, p. 156) auxilia neste exercício de contextualização:

Não havia outra profissão também lá naquela época, não é? A moça ou ficava em casa costurando ou ia ser professora. Os pais também achavam importante ser professora. Só tinha essa profissão para as filhas. Maria Helena Guimarães de Castro. (2005, p. 156)

Com relação ao professor, no feminino, a época, segundo o autor, indicava que não

seria os mais aptos para passar o conhecimento adquirido aos anos iniciais, o que decorreu num afastamento de figuras masculinas do cargo. As áreas trabalhadas pelos professores eram amplas, pois tinham que ter um vasto conhecimento não só nas disciplinas básicas, mas também em áreas mais práticas como desenhos, pinturas, músicas; culturalmente vistas, durante muito tempo, como atividades de cunho feminino.

O magistério, portanto, era visto como uma área mais materna, uma espécie de extensão das mulheres que cuidavam da casa, com atributos e qualidades, também, para o cuidado e o ensino, principalmente das crianças, em sala de aula. A educadora Maria Lucia Rodrigues Muller exemplifica o cenário, como semelhante, ainda na década de 1990:

A professora é vista como um modelo vivo de virtudes nacionais com a missão de civilizar o povo e moldar seus jovens alunos. Para isso, deveria também mostrar uma boa conduta moral, ter aversão aos jogos, à bebida, à mentira, ter sentimento de caridade e de amor ao trabalho. Cabia à professora ser a Construtora da nação. (MULLER, 1999, p. 104)

Esta profissão, construída como ideal para a execução de figuras femininas parece ter contribuído para com desvalorizações nos espaços de trabalho, tantas vezes, infelizmente, ocupados por figuras masculinas. Não estamos, aqui, querendo dicotomizar os gêneros, mas reconhecer que há desequilíbrio evidente em inúmeras instituições, inclusive as de ensino, com decorrências e, também, decorrentes de questões históricas¹, sociais, culturais, econômicas.

No concernente à questão do adoecimento e, conseqüente, afastamento dos professores de seus ambientes de trabalho, centrado na desvalorização profissional, considera-se um posicionamento bem aceito por setores da sociedade brasileira, ainda na década de 1950, mas que eram colocados no sentido de “um problema enfrentado pela sociedade”, naquele momento.

Uma década depois, 1960, como já mencionamos, a profissão de professor despontava como a mais importante dentre as áreas.

A profissão de educador tinha prestígio social. Em primeiro lugar, a valorização da profissão remetia ao importante papel atribuído à educação na integração social, no contexto da formação do Estado nacional. No passado, dizer “eu sou professora ou professor” trazia a tona uma identidade carregada de orgulho profissional e dos esforços destinados a produzir uma identidade nacional. Além disso, esse prestígio remetia às exigências da profissão, tais como os requerimentos para o ingresso e a qualidade da formação recebida nas famosas e reconhecidas Escolas Normais. (CODO, 1999, p. 63)

Na atualidade, podemos dizer, especialmente em tempos de Pandemia, que alguns desses discursos e discussões têm ganhado, novamente, envergadura e espaço, inclusive

1 Para recordar, o século XIX trouxe, de acordo com determinados estudiosos, especialmente do campo das ciências sociais e econômicas, “novas” oportunidades que beneficiavam os homens na área fabril, ao mesmo tempo em que foram abrindo espaço para áreas como a docência e a assistência social, para as mulheres. Nessa conjuntura, debates como do salário das mulheres para complementar o dos homens ou, como componente da renda familiar, apareceram.

mediático. A grande maioria dos profissionais envolvidos, se não todos, apresentam sentimentos como de orgulho pela profissão, mesmo diante das condições e dificuldades, conforme pontuamos no início do texto.

Contudo, argumentamos que, mesmo diante de sentimentos como o de orgulho profissional, pontos que somados e interconectados, entre as vivências e experiências cotidianas, dentro e fora da sala de aula, o diálogo entre as áreas da Educação e Saúde, neste trabalho de pesquisa, torna-se indispensável.

2 | A SÍNDROME DE BURNOUT

Estudos, principalmente da década de 1970, a exemplo do psicólogo Herbert J. Freudenberger nomearam a síndrome como um sintoma no qual já estava presente a fadiga. O também pesquisador do tema, G. Richelson, na década de 1990, a descreveu como um estado apresentado pelas pessoas que se encontravam na condição de “frustradas” com os seus modos e qualidade de vida, não correspondendo às expectativas propostas pelos espaços nos quais estavam inseridos.

A síndrome de *Burnout* é vista, entre os especialistas, como associada aos profissionais da educação ou, até mesmo, como doença ainda pouco conhecida, apesar dos índices. Segundo a psicóloga Ana Maria Teresa *Benevides Pereira* (2010), *burn out* é um termo inglês com o significado de que a pessoa encontrou seu limite e de que sua energia já não está se mostrando eficiente aos modos de vida operantes, sendo, por isso, uma síndrome psicossocial. A pesquisadora estava em diálogo com pesquisadores consagrados do tema, que desde os anos 70 já relacionavam a síndrome ao espaço do trabalho, ao ambiente, o ponto que escolhemos para relacionar aos educadores. Em linhas gerais, para CODO & VASQUES-MENEZES, (1999)

Parece haver um consenso em torno da síndrome que poder ser caracterizada como uma resposta ao estresse laboral crônico, mas é importante que seus conceitos sejam mantidos distintos. *Burnout* tem como consequência uma (des)sensibilização dirigida às pessoas com quem se trabalha, incluindo usuários, clientes e a própria organização, e o estresse é um esgotamento diverso que, de modo geral, interfere na vida pessoal do indivíduo, além de seu trabalho. (CODO & VASQUES-MENEZES, 1999, p. 402)

A definição acima foi adotada por pesquisadores como C. Maslach, que na década de 1980, adicionaram três componentes ao *Burnout*: exaustão emocional, realização pessoal reduzida e despersonalização. Quanto ao diagnóstico, num sentido de como tem sido pensado por especialistas, há quatro concepções teóricas baseadas na etiologia da síndrome: clínica, sociopsicológica, organizacional e sóciohistórica. A primeira tem sido a mais abordada, nos últimos anos, com associação entre características individuais e fatores multidimensionais da síndrome como exaustão emocional, distanciamento afetivo, despersonalização, baixa realização profissional (TRIGO; TENG; HALLAK, 2007, p. 225).

Para conseguir um diagnóstico, o profissional de saúde deve fazer uma pesquisa em torno do que o paciente informa sobre sua condição ocupacional para que, assim, consiga informações a serem relacionadas ao *Burnout*. Tal procedimento ocorre, principalmente, porque algumas pessoas apresentam tendências, no espectro da síndrome, a se afastarem dos seus afazeres, perdendo, assim, a vontade de realizá-los e, com isso, abandonando a própria vontade de se relacionar com as pessoas, até mesmo de seu convívio. Tudo isso, somados a sintomas como fadiga, estresse, depressão e sentimentos como falta de motivação, por vezes, ocasionando em desistência, abandono de trabalho e afastamentos das atividades laborais.

Burnout traz um ponto muito negativo na vida das pessoas em tal condição: a incredibilidade quanto às suas próprias capacidades, habilidades, realização de atividades. Logo, encontram problemas de adaptação nos espaços e na busca pelo encontro de possíveis equilíbrios, seja no sentido da melhoria ou da solução dos problemas que envolvem seus ambientes de trabalho e as sensações experimentadas, vivenciadas, sentidas.

A psicopedagoga Ana Cristina de Oliveira Vieira e a educadora Juliana de Alcântara Silveira Rubio, discutindo sobre como a Síndrome de *Burnout* afeta o profissional de Educação, no texto para a Revista Eletrônica Saberes da Educação, Vol. 6, n. 1, de 2015, em diálogo com Chafic Jbeili (2008), apresentaram estágios pelos quais as pessoas, quando diagnosticadas com a síndrome, podem passar:

1) Comprometimento da vontade de ir ao trabalho, ausência de ânimo ou prazer nas atividades laborais, dores na região do pescoço e coluna; 2) Perda de qualidade nas relações entre parceiros e colegas de trabalho, pensamentos de perseguição e boicote, aumento no número de faltas ou licenças médicas frequentes; 3) Erros operacionais, atenção dispersa, doenças psicossomáticas como alergia, picos de pressão arterial, ingestão de bebidas alcoólicas como paliativo, despersonalização; 4) Uso recorrente de drogas lícitas e ilícitas, pensamentos de autodestruição e suicídio, prática laboral comprometida e inevitável afastamento do trabalho (VIEIRA; RUBIO, 2015, p. 12-15).

É possível dizer, a partir do exposto, que a pessoa no estado da síndrome pode se colocar em condições de perigo, vulnerabilidade, sensibilidade, atrelados às cargas de estresse que afetam tanto o físico quanto o mental do indivíduo. Os pacientes podem relatar sintomas como dores de cabeça, enxaqueca, dores musculares, insônia, perturbações gastrointestinais, queda de cabelo, disfunção sexual, alterações menstruais nas mulheres, impotência masculina, aumento do consumo de substâncias como café e álcool. Por conseguinte, pode haver diminuição na qualidade e rendimento profissionais, comportamentos de indiferença entre familiares e amigos, entre outros.

Entretanto, pelo fato de as condições e estágios poderem ser parecidos, assemelhados ou mútuos, as equipes envolvidas costumam apresentar dificuldades no

desenvolvimento de diagnósticos precisos ou imediatos. O processo exige um trabalho integrado entre os profissionais, especialmente da área da Saúde, e conforme proposto aqui, com a Pedagogia, na busca por um ou mais tratamentos adequados aos pacientes que apresentam os sintomas.

2.1 Burnout e o profissional da educação

Como já dissemos, o profissional da educação está mais vulnerável ao desenvolvimento da síndrome devido às suas cargas e sobrecargas de trabalho que, muitas vezes, tornam-se muito exaustivas. Isto porque as atividades do educador não se restringem apenas à sala de aula. Por vezes, muitos têm os seus finais de semana comprometidos com trabalhos envolvendo ensino, pesquisa e extensão, ou seja, “o dentro e fora da sala de aula”. Em decorrência, a jornada de trabalho elimina possíveis descansos, pausas e momentos de lazer, aumentando, por vezes, cobranças nos próprios seios familiares, por conta das ausências.

Não é à toa que, desde 2001, dentro do CID-10, de 1996, o Ministério da Saúde engloba a síndrome de *Burnout* como síndrome de esgotamento profissional, resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos, nos ambientes de trabalho. A vivência profissional envolve contextos que representam as impressões que a pessoa tem de si e dos outros, podendo acarretar na recusa por esforços que lhes pareçam inúteis ou desinteressantes (CID-10, 1996 *apud* Brasil. Ministério da Saúde, 2001, p. 191).

Os educadores, consciente ou inconscientemente, na condição da síndrome, sofrem interferências com e entre sua vida particular e profissional. Os principais sintomas e consequências costumam ser os de evitar os alunos, o contato visual, dar explicações breves, resistência às mudanças, dificuldade na transmissão de conhecimento, diminuição no contato social, aumento de medicação e, outros tantos fatores que, por vezes, tendem a piorar ainda mais a condição mental e física, do profissional.

Na condição de paciente, o educador precisa ser alertado sobre essa síndrome e suas causas para que, de algum modo, possa, minimamente, adaptar-se no e ao seu ambiente de trabalho. E, caso haja algum fator aparente, de identificação com o que estamos abordando, que procure ajuda de profissionais capacitados e especializados.

Dizemos isso porque a síndrome de *Burnout*, tratada historicamente, na área da educação, tem aparecido constantemente relacionada ao estresse, depressão e pânico, fazendo com que, pelo menos brevemente, tenhamos que discutir o conceito de estresse. Este foi definido, em 1936, por *Hans Selye*, como um desgaste causado pela vida, afetando a estrutura física dos pacientes. Apesar de desde o século XVI físicos quânticos já discutirem a ideia de que se tratava de uma pesada carga que afetava uma determinada ou determinadas áreas físicas.

Tal discussão, que foi realizada por Abreu, Stell, Ramos, Baurngardt e Kristensen, do Núcleo de Neurociências/Centro de Ciências da Saúde, da UNISINOS, em 2002, no

artigo Estresse Ocupacional e Síndrome de Burnout no exercício profissional da psicologia, consideraram o diálogo com Richard S. Lazarus (1993), que pontuou quatro pressupostos a serem observados como agentes causadores do estresse: 1) causal interno ou externo – estressor; 2) avaliação do tipo de estresse (dano, ameaça, desafio); 3) processos utilizados no tratamento dos estressores; 4) padrão de efeitos na mente ou no corpo, como reação de estresse.

Empiricamente, também precisamos reconhecer as causas relacionadas ao estresse como interligadas a fatores sociais, culturais e econômicos. Nessa linha de raciocínio, a Dra. Mara Fernandes Maranhão, psiquiatra do Núcleo de Medicina Psicossomática e Psiquiatria da Sociedade Beneficente Israelita Albert Einstein, definiu que “o stress é normal, pois em nosso dia a dia nos deparamos com vários afazeres e sofremos uma pressão psicológica. Mas isso só se torna estressante quando estamos fora da zona de conforto” (apud SILVA, 2012, p. 5).

É nessa direção conjuntural que julgamos pertinente considerar o stress ocupacional. Segundo B. Farber (1985), quando se trata de um tipo não moderado fica difícil encontrar soluções plausíveis ou coerentes para tratar problemas relacionados ou ocasionados ao trabalho ou ambiente de trabalho. Por exemplo, quando pessoas com sintomas depressivos costumam apresentar sentimento de tristeza aparentes, costuma-se presenciar afastamento de atividades, antes satisfatórias, o que varia entre moderado e grave. No sentido comportamental, elas também podem guardar para si acontecimentos que lhes afetaram ou afetam, ocasionadores de estágios depressivos.

Nesta perspectiva, temos que ter uma base de quais fatores, presenciados no cotidiano, representa momento de busca por ajuda profissionalizada, especializada, acerca do enfrentamento de adversidades encontradas e melhorias na qualidade de vida. Além do atendimento especializado, são exemplos de melhorias o encontro de momentos de lazer, descanso, pausas, rotina diversificada. Afinal, a mudança de hábitos e comportamentos, nesse sentido, podem melhorar, até mesmo, o desempenho e a satisfação nas próprias atividades laborais dos pacientes.

3 | A EXPERIÊNCIA DE UMA PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO COM SÍNDROME DE BURNOUT

No decorrer dos estágios supervisionados vários acadêmicos têm relatado experiências com afastamentos dos profissionais da educação, como é o caso da pedagoga Mariza Weber. Foi durante tal experiência que teve contato com a entrevista Tânia Weber, professora atuante há 29 anos, tendo trabalhado alguns anos também como diretora na escola.

A entrevistada possui vasta experiência educacional, inclusive ocupando variados cargos no ramo educacional. O intuito com a entrevista era o de saber os reais motivos ou entender o mais próximo possível as principais causas de seus afastamentos de sala

de aula e, tantas vezes da escola, para entender não apenas seu diagnóstico, mas seu processo de adoecimento e a rede que envolve tantos profissionais da educacional nos últimos anos. Quando questionada ela relatou que estava tendo crises de ansiedade e que havia sido diagnosticada como *Burnout*.

Quando questionada sobre como começou a perceber que tinha mudado algo que estava afetando o seu desempenho profissional a mesma relatou:

Sempre fui perfeccionista comigo e queria que meus alunos também fossem. Isto nos dá um desgaste emocional muito grande. Por este motivo final de 2018 já percebi que não estava me sentindo bem em comparação com os outros anos. Minha turma era a pior da escola, no sentido de educação, disciplina, compromisso, respeito e parceria de pais. Trabalhei 2018 sozinha com turma terrível e sem apoio da equipe pedagógica. Fiz o possível e o impossível, mas como sempre me desgastei, meu estresse e a cansaça chegou ao extremo (TÂNIA, 2020).

A fala da entrevistada revela o quanto a realidade escolar, a pressão com determinados motivos e a realidade como ela enxerga a educação e a sala de aula começaram a conduzi-la ao esgotamento. São exemplos: “minha turma era a pior turma da escola”, indisciplina, descompromisso, desrespeito, entre outros.

Por outro lado, ela está estabelecendo indícios de que esperou contar com apoio da equipe pedagógica da escola ao perceber que não estava conseguindo executar seu trabalho, administrar sua função sozinha e que não conseguiu aparato nem dos pais, nem dos colegas de trabalho, nem da equipe, nem tampouco dos alunos. Ou seja, parece que a função do professor como o responsável pelo sucesso ou fracasso escolar, triste realidade, ainda, em nossas escolas brasileiras, é realidade não somente como parte do diagnóstico de nossa entrevista, mas de parte das causas dos adoecimentos de tantos profissionais da educação em nosso país.

A fala de nossa entrevistada também revelou o momento em que suas crises começam a ficar mais fortes, colocando em pauta não apenas se ela estava sendo capaz ou não de controlar uma turma, mas de permanecer em sala de aula. Pois como consequência visível de que não estava mais conseguindo interagir com seus colegas, permanecer no mesmo ambiente de trabalho, ela chegou a comentar que simplesmente chegava à escola, sentava e esperava até dar seu horário de entrar em sala de aula.

A partir do momento em que entrava no espaço escolar sua ansiedade aumentava ainda mais porque os alunos demoravam a se organizar, o que a tirava de seu movimento de organização com a medicação, com o tratamento psiquiátrico e psicológico que estava fazendo, por exemplo, tendo, muitas vezes, que pedir ajuda para outras pessoas no ambiente de trabalho para controlar suas crises, acalmar-se, o que começou por prejudicar sua relação com os alunos, também.

O fato de a entrevistada Tânia relatar sua forma de trabalhar e a frustração que estava vivenciando foi um dos pontos que a levou a se perguntar se estava fazendo seu

trabalho realmente direito. Por ter uma das piores turmas da escola, segundo ela, percebeu que seus alunos não estavam respondendo o que era esperado pela mesma, colocando em cheque se era ela mesma que estava mal ou a turma que não rendia. Entretanto, nesse mesmo sentido, começou a perceber que estava mudando, e que essa mudança era com ela, pois estava em um estágio de ansiedade e seu corpo e mente não respondiam ao que sempre acreditou ser o certo, procurando assim a ajuda pedagógica (diretora e pedagogas), sendo que, a escola possui duas pedagogas e a entrevistada trabalha 40 horas na mesma instituição. Em suas palavras:

Em um primeiro momento pedi auxílio a equipe pedagógica, (não fui atendida, tivemos a primeira reunião em julho), como já citei sou extremamente preocupada e comprometida com a turma que pego... A tristeza a decepção são os gatilhos para as crises. E isso acontecia quando eu chegava na escola. A direção alheia a tudo e pedagoga também. Sempre fiz tudo sozinha. Me virei sozinha sem apoio algum, só cobranças e fofoca. (TÂNIA, 2020)

Seus questionamentos sobre a turma era como se nunca tivesse falado sobre o problema. Fica difícil saber se tratou-se de um despreparo da equipe pedagógica, descaso, falta de envolvimento com a situação, entre outros fatores. No entanto, no que se refere ao relato da entrevistada fica claro a tentativa de queria e buscou apoio da equipe institucional para poder sanar suas dificuldades profissionais. No entanto, não obtendo resposta por parte da mesma sua saúde continuou sendo prejudicada.

Enquanto profissional observa-se que quando ocorrem adoecimentos corriqueiros o educador passa a ser uma espécie de problema não somente para a equipe pedagógica, mas também, para os colegas de trabalho. Não à toa o comentário da entrevistada de que além de não ter contado com apoio contava com fofocas no meio educacional. É o momento em que o profissional deixa de ser uma máquina produtiva e passa a ser um problema a ser resolvido ou deixado de lado e, tantas vezes, o próprio lado humano passa despercebido nesse tipo de situação, seja por falta de preparo, seja por falta de profissionais, seja por falta de recurso, entre outros. Deixemos claro aqui que não se trata de uma crítica em específico à escola onde atua nossa entrevistada, mas de uma dura realidade enfrentada pela grande maioria dos profissionais da educação que adoecem nas escolas públicas brasileiras, porque as realidades infelizmente são parecidas em se tratando de estrutura e condições, apesar de estarmos tratando do âmbito municipal.

Um dos motivos que leva o profissional da educação ao que consideramos como certo despreparo para lidar com esse tipo de situação como a de nossa entrevistada é a falta de uma formação continuada e uma interação interdisciplinar de outros profissionais como da área da saúde para dar suporte psicológico ao professor, visto que, o profissional da educação é considerado um ser somente da educação. Assim, as instituições esquecem, em sua maioria, que antes do profissional existe um ser humano que possui problemas pessoais, financeiros, e que a junção desses fatores com o profissional os torna

vulnerável a esses tipos de problemas. Além de tudo, tantas vezes, cabe ao professor ser o mediador entre os problemas familiares de seus alunos e que, de certa maneira, sem apoio psicológico, acaba absorvendo pra si, agravando ainda mais seus problemas de saúde.

Vê-se nitidamente a falta de preparo da equipe pedagógica, pois, nesse contexto a entrevistada, principalmente, esperava mais atenção diante da situação que estava ocorrendo, porque afetou tanto o profissional quanto o rendimento da turma, a relação com os pais: a falta de interesse com o andamento escolar de ambas as partes e o aumento das cobranças e pressões para com a entrevistada, o que acabava por agravar o quadro do adoecimento e não contribuindo para com o tratamento.

Diante desse quadro até o relacionamento com colegas de trabalho começou a ser superficial, como já indicamos e Tânia mesma admite:

O relacionamento com os colegas ficou mais tenso pela criticidade com que eu lidava com tudo. Minhas filhas sofreram também, pois muitas vezes descontei nelas meu estado crítico de ansiedade. (TÂNIA, 2020).

As cobranças sofridas pela entrevistada faziam com que a mesma ficasse pior e os sintomas cada vez maiores, porque sua vontade de ir para escola já não era a mesma. É importante mencionar que durante o relato ela menciona ser este o momento que visualizou sua carreira como um “fracasso”, desenvolvendo sentimentos como “desmotivação”, “falta de vontade”, entre outros.

Como reflexo começa a ocorrer o que também discutimos com a bibliografia sobre o tema, o reflexo da situação do trabalho que adentra no espaço da casa, no ambiente familiar. Não esquecendo que se o inverso também ocorre, com o *Burnout* também não é diferente. Assim, nossa entrevistada começa a ter problemas de relacionamento com as filhas, tendo dificuldades como mãe, em como se relacionar com a casa, em como permanecer no ambiente familiar, também, reflexos do adoecimento.

Todavia, retomando a questão do que estávamos discutindo anteriormente, pelo fato da entrevistada já possuir uma vasta experiência profissional e a mesma trabalhar com outros profissionais que estão a menos tempo exercendo a profissão ela encontra uma falta de compreensão de seus problemas, e este é um dos pontos que permeia toda sua narrativa. Visto que, muitos criticam suas atitudes fazendo com que seu estado emocional se agrave, ela menciona que se sentia sem poder ou ter com quem desabafar, falar sobre o que estava acontecendo profissionalmente com ela, por isso, por motivos éticos evitava determinadas situações, acalutando-se.

A entrevistada foi questionada sobre o que fez quando percebeu as dificuldades que estava tendo em sala de aula:

Em segundo momento procurei o Dr. Giovani, tentamos medicações os quais não consegui tomar, os dias foram passando e eu me segurando e contendo de todas as formas, mais um dia a tampa da pressão estourou parei no hospital com vômito e diarreia sem motivos e sem febre o resultado foi uma internação

de cinco dias. Quando sai do hospital fui encaminhada a um gastro que não encontrou nada de errado e me deu excitalopran, percebendo que estava à beira de um ataque de nervos, uma crise de ansiedade não conseguindo ficar em lugares fechados. (TÂNIA, 2020)

Muitas vezes, por influência da família percebendo seu estado de alteração comportamental é o que leva o profissional a procurar a ajuda externa e que determinadas situações o diagnóstico é confundido, porque devido ao psicológico estar afetado o paciente apresenta sintomas de outras patologias, como no caso da entrevistada ter passado por um gastro nos mostra a real dificuldade de se chegar a um diagnóstico preciso de uma situação que se tivesse sido tomadas as devidas providências cabíveis a equipe pedagógica a qual a mesma faz parte, por exemplo, poderia ser que o quadro da mesma fosse outro.

O que estamos querendo dizer é que com um trabalho integrado, de observação e a longo prazo, por vezes, dentro da escola, é possível perceber e indiciar casos como o de *Burnout*. Afinal, a família do educador não está dentro da escola. Nesse sentido, com uma equipe preparada e percebendo a situação, professores em estado como o de nossa entrevistada, poderiam estar melhores amparados e em situação de resolver e serem encaminhados para solução de problemas em tempo menor e com possibilidade de serem tratados, talvez com medidas menos drásticas ou danosas, sofríveis que a de nossa entrevistada. Este é o nosso posicionamento com o olhar de pesquisadora no campo da pedagogia de modo interdisciplinar.

Retomando a entrevista, uma vez que, não foi o que ocorreu com a entrevistada, a família vendo o estado emocional da mesma começou a se preocupar, acreditando que Tânia estava mascarando a situação porque evidentemente não estava bem e seu cotidiano estava fugindo do controle, tanto na escola, quanto no ambiente familiar. Assim, aos poucos buscaram formas para que a mesma falasse sobre o que estava sentindo e procurando ajuda profissional especializada.

Como concernente ao quadro de *Burnout* nossa entrevistada também relatou que até seu relacionamento com os alunos mudou:

Ano de 2019 no caso ano passado foi um dos piores em que trabalhei, uma turma como sempre com indisciplina, mal educada, e direção e equipe pedagógica se fazendo de desentendida quanto as minhas reclamações. Ai começaram os sintomas piores como, tonturas, pressão alta, fadiga, sono agitado, dores no pescoço, de cabeça, e choro fácil. (TÂNIA, 2020)

Foi, nesse momento que, realmente, deu para entender que seu estado era delicado e estava se aprofundando em um problema que poderia resultar em um final drástico se não fosse acompanhado imediatamente por um profissional especializado na área para ajudar em sua recuperação. Afinal tal agravante é oriundo centralmente da função em que trabalha, pois o mesmo traz realidades que, às vezes, e no caso da entrevistada a afeta e afetou.

A situação educacional do país favorece, muitas vezes, a indisciplina dentro de uma

sala de aula, local onde o professor, por vezes, fica sem opção de ser apenas o educador, ele vira o pai, o cuidador, o psicólogo, entre outras funções, levando o mesmo a graus extremos, adquirindo gatilhos de explosão, estresse, fadiga, entre outros sintomas, que afetam até mesmo o relacionamento familiar, como já mencionado. Nas palavras de Tânia:

De lá pra cá faço terapias alternativas, barras de acesso, reiki, massagem com massoterapeuta, auriculoterapia, hipnoterapia, academia, chás calmante, orações mais Deus nos meus dias, meditação, ho'oponopono no momento curso meditação e thetahealing. Todas essas terapias foram as que realmente fizeram alguma diferença nas crises de ansiedade que passei a ter. Pra sobreviver a isso tudo estou sempre fazendo alguma terapia. Agora estou fazendo constelação familiar, estudando muito sobre ervas fitoenergéticas com Bruno Gimenes e thetahealing. Às vezes tenho tontura, fico agitada, choro fácil, cansada, estressada, A cura é um processo longo e estou fazendo tudo o que posso, pois acredito em nossa cabeça está o começo e o fim de todas as doenças. (TÂNIA, 2020)

O cenário pelo qual a professora está passando pode ser a realidade de muitas outras que podem ou não ter percebido o que realmente está acontecendo. Afinal, o âmbito escolar está sendo para muitos pais um local onde o profissional está assumindo a educação completa de seus alunos.

Nesta mesma fala se vê realmente a necessidade de ter um profissional capacitado para amparar esses profissionais quando percebesse que sua parte psicológica está sendo afetada por algum motivo e seu rendimento está tendo alterações, e tentar ajudar não deixando chegar aos extremos, cujo profissional seja acometido por uma síndrome que o tire do exercício de sua profissão.

As condições em que o profissional da educação trabalha estão cada vez mais precários. Há muitas cobranças envolvendo a equipe pedagógica e a sociedade por achar que o professor tem que fazer o papel dos pais em relação aos alunos, além de construir conhecimento, tem sobrecarregado os profissionais da educação. Na junção desse contexto, muitos acabam por atingir estágios elevados de estresse. Acerca disso nossa entrevistada alerta:

O que eu tiro de aprendizagem nisso tudo é que é de suma importância que se tenha uma equipe de apoio aos professores para que possam ter uma melhor qualidade de vida dentro e fora do âmbito escolar, que a direção e pedagogos estejam preparados para auxiliar os professores, pois sozinhos não conseguiremos. Houve dia em que só de pensar em ir pra escola eu tinha crise. Meu relacionamento com os alunos também ficou tenso não conseguia mais ver as qualidades deles. Tudo me irritava estava me afastando daquilo que sempre preservei e acreditei, neste contexto não recebi apoio de ninguém da escola, apenas cobranças. Ai descobri que realmente estava precisando de algum tipo de tratamento que me ajudasse a voltar ao que eu era antes de tudo isso. (TÂNIA, 2020)

A luta pela qual a mesma está passando, pela tão esperada cura, é um caminho

longo, de altos e baixos. Por isso, sua entrevista além de cruzar com tantos dos elementos pontuados com a bibliografia sobre *Burnout* serve como alerta com relação à realidade do sistema educacional e da temática do adoecimento nos ambientes educacionais, cada vez mais atenuantes nas últimas décadas, por múltiplos fatores, alguns aqui evidenciados.

A entrevistada finalizou a conversa do seguinte modo:

Estou na busca por uma cura definitiva..., mas, esta é uma outra história que contarei pra vocês um dia. (TÂNIA, 2020)

O que Tânia está querendo dizer é que o processo que a envolve é contínuo. Ela apresenta consciência do que a envolve, do que passa e a acomete dentro e fora da sala de aula, dentro e fora da escola, de como é lidar com a saúde e buscar formas de equilibrar esse lado com seu lado como profissional, como educadora.

Enquanto pesquisadora que se colocou num diálogo em igualdade, num local de respeito entre entrevistadora e entrevistada, mas também, como pedagoga, como educadora, como alguém que entende as dimensões envolvendo o ensino que se colocou na condição de aprender um pouco mais sobre como é adoecer no espaço de trabalho. Espera-se, de algum modo contribuir, com o presente texto, para que o mesmo atinja outros profissionais e pessoas no sentido da conscientização. A educação em suas múltiplas formas e esferas têm chamado cada vez mais a nossa atenção para processos envolvendo profissionais, tais como o adoecimento.

Nesse sentido, do adoecimento dos profissionais da educação, de forma respeitosa torcemos pela cura com relação ao tratamento de nossa entrevistada. No sentido profissional esperamos que ela e outros profissionais na mesma situação tenham condições concretas e palpáveis de realizar o seu trabalho sem adoecimentos corriqueiros, com o suporte necessário da equipe pedagógica, da família, dos alunos, dos pais, enfim, de todas as áreas que envolvem a síndrome de Burnout, conforme discutimos e que sabemos serem cruciais para que ocorra de forma satisfatória. Do mesmo modo, que o trabalho possa servir de alerta para outros profissionais que talvez nem se deem conta de que se encontram ou já se encontraram na mesma situação de nossa entrevistada.

A finalidade dessa pesquisa é auxiliar interdisciplinarmente na questão do desafio com relação ao processo do adoecimento dos profissionais da educação nos últimos anos, tomando a síndrome de *Burnout* como exemplo. Chamamos a atenção, a partir da bibliografia e da fonte oral utilizada para como profissionais têm entendido seus sintomas, a realidade que enfrentam, o que pedagogos, psicólogos, equipes pedagógicas, direções, colegas de trabalho, familiares, alunos e pais podem ajudar no sentido da conscientização para amenizar situações como essa que interferem e ultrapassam os ambientes escolares. Afinal, cada vez mais temos nos deparado com profissionais com problemas psicológicos decorrentes dos ambientes de trabalho e sem amparo da instituição onde trabalham. Preparar os profissionais, por isso, é fundamental. No caso da Síndrome de *Burnout* é

preciso entender a gravidade do problema, o quanto é preciso trabalhar com lados e condições humanas quando discutimos questões como “o adoecer”, “o adoecimento” no ambiente educacional e o quanto todos os profissionais estão vulneráveis a isso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Organização pan-americana da saúde. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para serviços de saúde. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: < http://dtr2004.saude.gov.br/susdeaz/instrumento/arquivo/16_Doencas_Trabalho.pdf>

CASTRO, Magali. A Escola Normal revisitada: memórias de professoras do início do século XX. In: PEIXOTO, Ana Maria Casasanta, PASSOS, Mauro (Orgs.). **A escola e seus atores: educação e profissão docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CEO e Fundadora da Vittude. **Texto para leitura** Coursou the Science of Happiness pela University of California, Berkeley. <https://zenklub.com.br/blog/saude-bem-estar/sindrome-do-panico/>

CODO, Wanderley (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação. 4.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.

COSTA, A. F. L. (2010). **A percepção dos professores de diferentes ciclos de ensino**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra. Recuperado de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15582/1/a.costa.pdf>.

FARBER, B. (1985). Clinical psychologist's **perceptions of psychotherapeutic work**. *Clinical Psychologist*, 38, 10-13. Link: http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v6_n1_2015/Ana_Cristina.pdf

GATTI, Bernadeth. **Formação de Professores e Carreira**. Campinas: Ed. Autores Associados, 1997.

GIL, Antônio Carlos **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999

JBEILI, Chafic. Burnout **em professores**: identificação, tratamento e prevenção. Brasília (DF): Chafic Jbeili, 2008.

MULLER, Maria Lucia Rodrigues. **As construtoras da nação**. In: PEIXOTO, Ana Maria Casasanta, PASSOS, Mauro (Orgs.). **A escola e seus atores: educação e profissão docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PEREIRA, Luis. **Professor Primário numa sociedade de classes**. São Paulo: Pioneira Editora, 1969.

SILVA, Flavia Gonçalves. **O professor e a educação: entre o sofrimento, o prazer e o adoecimento**. (Tese doutorado). PUC SP São Paulo, 2007.

SILVA, José Carlos Santos da. Ai, ai (D.O.R.T e **Síndrome de Burnout. Você já ouviu falar?**) 2012. Disponível em: <http://www.sinjur.org.br/noticias/d-o-r-t-e-sindrome-de-burnout-voce-ja-ouviu-falar-2014031-6646.htm>.

Tatiana Pimenta

TRIGO, Telma ramos; TENG, Chie Tunga; HALLAK, Jaime Eduardo Cecílio. **Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos.** (2007) Disponível em: < <http://www.hcnet.usp.br/ijq/revista/vol34/n5/pdf/223.pdf>> Acesso em: 10. agosto.2020.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VARELA, Dráuzio, **Síndrome de Burnout.** Disponível em: < <http://drauziovarella.com.br/letras/b/sindrome-de-burnout/>> Acesso em: 10. agosto. 2020.

WEBER, Tania Mara. **Entrevista concedida para a pesquisadora.** Clevelândia, novembro de 2020.

Link: *<https://zenklub.com.br/blog/saude-bem-estar/sindrome-do-panico/>

<https://psicologado.com.br/atuuacao/politicas-publicas/professores-com-transtornos-psicologicos-e-a-ausencia-de-politicas-publicas>

<https://www.vittude.com/blog/depressao/>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações afirmativas 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36

Adoecimento 37, 38, 40, 45, 47, 50, 51

Adolescentes 79, 81, 82, 86, 88, 185, 186, 217, 258, 268

Análise arqueológica do discurso (AAD) 53, 59, 61, 62

Aprendizagem dialógica 217, 218

Aprendizagem inventiva 233, 237, 241

Argumentos contrários e favoráveis 20, 21

Arte-educação 233, 242, 268

Audiovisual 87, 121, 122, 123, 124, 125, 237

Autoestima 39, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 170, 172, 215

Avaliação 10, 25, 44, 73, 81, 196, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 239, 243, 244, 245, 246, 247, 265

B

BNCC 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 241

C

Comunidades de aprendizagem 217, 219, 220

Consciência de si 192, 202

Contraposição de interesses 20, 21, 24, 33

Corporeidade 168, 172, 174

Costura 108, 109, 110, 113, 114, 116, 117, 118

Cotas sociais 16, 20, 21, 22, 33, 34

D

Deficiente visual 135, 137, 138, 149

Direito à educação 16, 61, 74, 77, 78, 165, 201

Dirigentes escolares 74, 77

E

Educação 13, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 25, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 107, 109, 118, 123, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134,

135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 171, 172, 174, 175, 176, 178, 179, 184, 185, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 253, 255, 256, 257, 258, 260, 266, 267, 268, 269

Educação de jovens e adultos (EJA) 53, 60, 198

Educação de surdos 151, 164

Educação especial 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149

Educação integral 221, 226, 227, 228, 229, 230, 232

Educação para sexualidade 79

Educação superior 9, 10, 12, 15, 18, 28, 30, 36, 85, 142, 151, 152, 153, 160, 164, 165, 209, 246

Egresso 205, 206, 207, 210, 212, 213, 214

EJA 53, 54, 60, 61, 62, 63, 64, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Empreendedorismo feminino 108

Ensino-aprendizagem 70, 85, 88, 91, 121, 122, 123, 124, 128, 139, 142, 151, 177, 182, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 214, 236

Ensino médio 1, 2, 23, 28, 29, 62, 63, 75, 82, 88, 89, 90, 91, 92, 122, 124, 143, 217, 264

Ensino remoto emergencial 88, 89, 90

Ensino superior 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 23, 27, 28, 30, 35, 86, 135, 137, 140, 142, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 162, 164, 196, 207, 269

F

Feira popular 108, 110

Ferramentas digitais 88, 89, 91, 93

FHC 53, 61, 62, 63, 64

Formação do professor 66, 69, 188

Formação inicial 68, 70, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 205, 206, 211, 212, 215

Freire 2, 8, 63, 65, 131, 133, 134, 153, 192, 193, 194, 195, 198, 200, 201, 202, 203, 204

G

Game design 233, 234, 242

Gamificação 129

H

História e cinema 121, 124, 128

I

Ideologia 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 96

Inclusão 20, 129, 135, 137, 141, 142, 145, 161

Inclusão educacional 20, 22, 163

InclusãoInclusão 3, 14, 15, 16, 20, 22, 23, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 130, 132, 133, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 152, 159, 161, 162, 163, 164, 178, 191, 198, 199, 200

Interpretação simultânea português/libras/português 151

Intérprete educacional 151, 152, 153, 157, 160, 164, 167

J

Jogos de interpretação 233, 234, 235, 236, 241

L

Letramento 166, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 269

Lúdico 168, 169, 172, 173, 174, 234, 235

Lula 53, 61, 62, 63, 64

M

Mediação cultural 256, 257, 258, 260, 263, 264, 265, 266, 267, 268

Memória 110, 115, 116, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 185, 199

Múltiplas linguagens 168, 169, 172

Museu 36, 117, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 265, 266, 267, 268

N

Necessidades formativas 66

P

Política de cotas 9, 10, 13, 15, 16, 20, 27, 28, 33

Políticas educativas 74, 75, 76, 77, 78

Práticas interdisciplinares 66, 68, 69, 71

Professor 1, 3, 20, 38, 39, 40, 45, 46, 47, 49, 51, 54, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 84, 85, 86, 92, 93, 96, 129, 130, 131, 132, 138, 140, 141, 149, 151, 153, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 168, 174, 175, 177, 179, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 194, 195, 196, 197, 200, 221, 237, 239, 240, 241, 244, 248, 249, 251, 252, 254, 269

Profissional da educação 37, 38, 43, 44, 46, 49, 207

Q

Quilombolas 12, 16, 121, 122, 124, 125, 127, 128

R

Reflexão 1, 2, 5, 18, 38, 66, 73, 76, 84, 85, 103, 104, 105, 106, 123, 128, 131, 134, 145, 173, 186, 192, 193, 194, 202, 207, 231, 256, 266

Relações de gênero 108, 110, 118

S

Sala de aula 2, 3, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 68, 69, 71, 75, 122, 123, 124, 128, 130, 132, 133, 138, 141, 145, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 177, 178, 184, 187, 189, 191, 193, 195, 196, 197, 200, 234, 248, 250, 252, 254

Sexo 23, 26, 79, 80, 82, 83, 84, 210

Sexualidade 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Síndrome de burnout 37, 41, 42, 44, 50, 51, 52

Soroban 129, 130, 131, 132, 133, 134, 143, 144

T

Tecnologia 90, 92, 110, 148, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186

Teoria do imaginário 108, 118

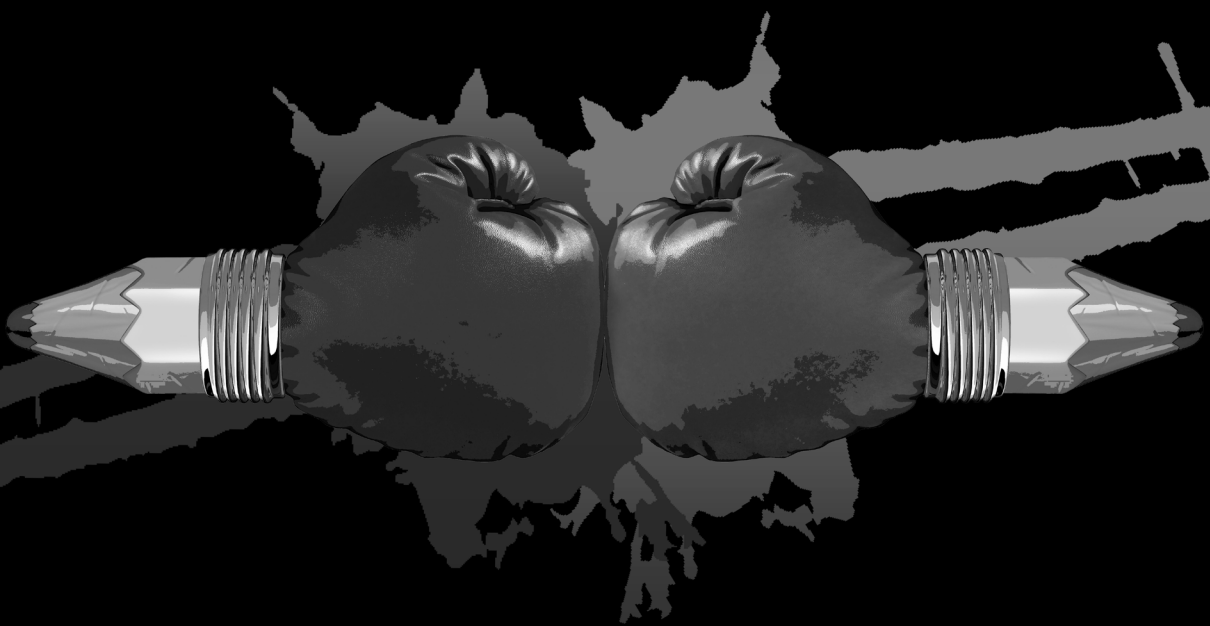
Transdisciplinaridade 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Tratamento psicológico 37

U

Universidade 1, 9, 10, 13, 17, 18, 20, 22, 27, 28, 29, 30, 34, 35, 36, 37, 51, 53, 66, 74, 79, 85, 86, 87, 108, 119, 120, 121, 129, 135, 151, 156, 158, 168, 177, 192, 193, 195, 196, 197, 205, 206, 207, 208, 214, 215, 216, 232, 233, 235, 241, 242, 243, 247, 248, 253, 255, 256, 258, 266, 267, 269

O CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO NO FOMENTO DA QUESTÃO POLÍTICA DA ATUALIDADE 2

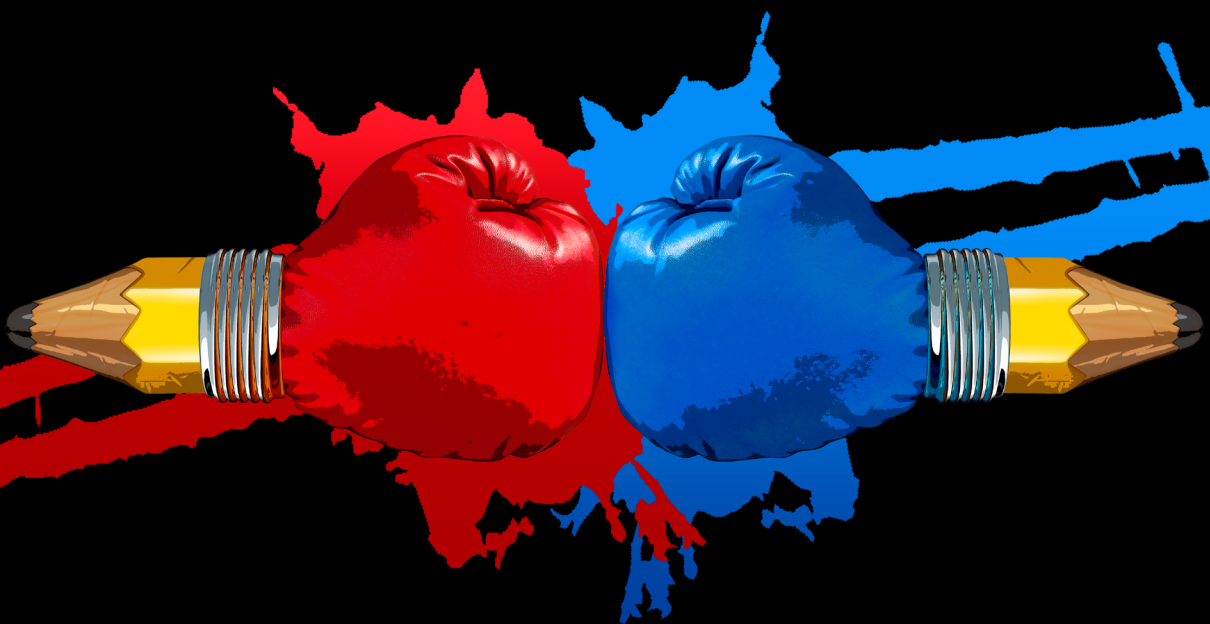


- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021

O CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO NO FOMENTO DA QUESTÃO POLÍTICA DA ATUALIDADE 2



- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2021